

Traduzir Franz Kafka

Álvaro Gonçalves

Professor do quadro de nomeação definitiva do Agrupamento de Escolas da Damaia

Schreiben als Form des Gebetes

Franz Kafka

Lembro-me vagamente que tinha dezassete ou dezoito anos, quando, atraído pelo cartaz do filme “The Trial” de Orson Welles, com a imagem de Anthony Perkins em primeiro plano, comprei o bilhete de cinema e entrei na sala da “cine-esplanada” Império, em Luanda. É provável que tivesse também vagamente ouvido falar de Kafka, mas nada me levava a associar o filme, anunciado no cartaz como um “filme baseado numa das obras mais importantes do século”, à obra “O Processo” de Franz Kafka. Lembro-me, aqui sim, perfeitamente, que a sequência que mais me impressionou foi a famosa parábola “Diante da Lei”, incluída no capítulo “Na Catedral” do romance “O Processo” e conhecida em alemão como “Die Türhüterlegende”, a “Lenda do Guarda-Portão”. Lembro-me também da profunda impressão que me causou a forma como o próprio Orson Welles lia “em voz off”, grave e enfática, o texto integral da “Lenda”, cuja primeira frase “*Before the law, there stands a guard ...*” me ficou definitivamente gravada na memória. Ainda hoje associo a sequência de imagens a ilustrar o texto que ia sendo dito por Orson Welles a um imaginário literário então para mim completamente novo. Digo “literário” porque Orson Welles, à medida que ia lendo a história, o fazia

sublinhando o carácter literário do seu filme, deixando assim claro que se tratava de uma adaptação de uma obra literária. Foi graças a este filme que me senti preso à palavra escrita (neste caso, dita) de Kafka, como se fosse algo que tivesse qualquer coisa de sagrado.

De facto, a palavra escrita representa para Kafka qualquer coisa de sagrado. Daí, o célebre “aforismo”, “Schreiben als Form des Gebetes”, a “escrita como forma de oração”.¹ Esta escrita “como forma de oração” passou, daí em diante, a representar para mim, como adolescente que era, “a leitura como forma de oração”. A leitura passou a ser para mim algo de especial e, a partir daí, fiz de Kafka e da sua escrita uma espécie de diapasão para o que devia ou não devia ler.

Nessa altura, estava ainda longe de pensar que viria alguma vez a traduzir Kafka, muito menos a referida “lenda”. Entre o convite feito pelo falecido editor da Assírio & Alvim, Manuel Hermínio Monteiro, para traduzir o romance “O Processo” e as recordações do meu primeiro contacto com a obra de Kafka mediaram cerca de vinte e cinco anos de convívio quase diário com a obra do autor. Estes longos anos de leitura de Kafka nunca criaram em mim o desejo, nem sequer íntimo e secreto, de o traduzir. Quando, em 1997, subitamente me vi perante um convite para traduzir o romance “O Processo”, a minha primeira reacção foi dizer “não”! E a razão talvez tivesse sido a importância que atribuía àquela escrita singular de Kafka, que, não obstante ser simples e transparente em termos formais, tinha algo que a aproximava da perfeição. “Non plus ultra”, dizia um professor meu de literatura alemã na Universidade de Viena, onde estudei, dirigindo-se à plateia de alunos estrangeiros a frequentar o curso. Não era possível escrever melhor em alemão que este escritor judeo-austriaco de expressão alemã, “preso num triplo gueto: o da religião, o da língua e o da ascendência burguesa”.² É aliás neste ambiente de gueto linguístico, artificial e insular, cercado pela população checa, que Kafka cria o seu estilo muito peculiar a que me referi, livre de qualquer

1 Refiro aqui a afirmação de Jorge Luis Borges: “Apesar do seu ambiente contemporâneo, [Kafka] está menos próximo daquilo que se convencionou chamar literatura moderna do que do Livro de Job. Pressupõe uma consciência religiosa e, antes de mais, judaica.” (Borges 2010, 10)

2 Frase atribuída ao crítico literário checo Pavel Eisner (Cf. Aguiar de Melo s. d., 283).

adjectivação ornamental, embora também simultaneamente isento, como dizia Fritz Mauthner (apud Kruntorad 1992, 45), “da força e da beleza do dialecto”, que caracterizava as obras de autores alemães da época. Não é por acaso que o próprio Kafka, no seu Diário, a 19 de Fevereiro de 1911, anotava o seguinte: “Wenn ich wahllos einen Satz hinschreibe, zum Beispiel ‘Er schaute aus dem Fenster’, so ist er schon vollkommen”.³ Veja-se a importância que Kafka atribuía à sua palavra escrita. Independentemente das várias teorias da tradução, impõe-se ter em conta esta visão muito pessoal e, o que é raro em Kafka, segura que tinha da sua escrita, isto é, o acto de escrever como um acto religioso comparável ao acto de orar que roça a perfeição. Como poderia eu aceitar traduzir uma das obras mais emblemáticas do século vinte com estas características tão peculiares? O certo é que, perante a insistência do editor, e com o prazo alargado de entrega do trabalho, aceitei o desafio. A tarefa iria tornar-se ainda mais complexa quando me propus a traduzir a versão manuscrita do romance, que está isenta de quaisquer intervenções normalizadoras do seu amigo e testamenteiro Max Brod. Como se sabe, este introduziu alterações profundas nos textos por si editados, tanto a nível da sintaxe como a nível da ortografia e, sobretudo, pontuação. O objectivo aqui era ‘criar’ um texto que se aproximasse o mais possível do original. A minha atitude foi literalmente de “fuga para a frente” ou, como se diria em alemão, “den Stier bei den Hörnern packen” (“agarrar o touro pelos cornos”). Abri o livro e comecei a traduzir, palavra a palavra, frase a frase, parágrafo a parágrafo, sem nunca perder a noção que estava a ‘traduzir’ não apenas a história de Josef K., mas também o suporte linguístico dessa história. Em Kafka tudo passou a ser importante e a ser reconhecido como portador de significado, inclusivamente o arranjo gráfico do texto e os diálogos incluídos nos parágrafos, sem as tradicionais marcas específicas do diálogo⁴, Peter Newmark (1995, 1), no seu livro “Paragraphs on Translation”, distingue dois métodos daquilo a que chama “full translation” (por oposição a “partial” or “functional

3 “Quando escrevo ao acaso uma frase, como por exemplo, ‘Ele olhou pela janela’, ela é já perfeita”. (Franz Kafka 1983, 115).

4 Cf. Cambreleng 2008, 78. Cf. também Izquierdo s.d., 88.

translation”): “semantic translation” e “communicative translation”. De acordo com este autor, a primeira é utilizada para traduzir todos os textos a que chama “authoritative texts”, isto é, textos em que o conteúdo e o estilo, o assunto e a forma, o pensamento e as palavras, dentro das suas estruturas, são todos igualmente importantes, mesmo que estes possam eventualmente estar ‘mal’ escritos. Este tipo de tradução processa-se ao nível do autor, a fim de reproduzir o máximo grau do sentido contextual da língua-fonte na língua-alvo. Esta perspectiva implica que se preserve a linguagem ‘pessoal’ do autor, mesmo que para isso se tenha de recorrer à tradução de certo modo literal. É justamente esta a filosofia que subjaz aos meus trabalhos de tradução, sobretudo da obra de Kafka. Citando Schleiermacher, opto claramente por “deixar o escritor o mais possível em sossego e (tentar) mover o leitor ao seu encontro”.⁵ Termino este breve depoimento com as palavras do tradutor alemão da literatura polaca, Karl Dedecius (1986, 166), “Lass den Autor im Vordergrund, bleibe dahinter – erkennbar” (“Deixa o autor em primeiro plano, mantém-te atrás – reconhecível”).

Referências bibliográficas

- Borges, Jorge Luis. 2010. Introdução. In O Abutre. Franz Kafka. Textos seleccionados e apresentados por Jorge Luis Borges. Tradução de João Bouza da Costa. Lisboa: Editorial Presença.
- Crambeleng, Hedwig. 2008. Die Kafka-Rezeption in Frankreich. In *Franz Kafka: Visionär der Moderne*. Hrsg. von Marie Haller-Neumann und Dieter Rehwinkel. Genshagener Gespräche. Göttingen: Wallstein Verlag.
- Dedecius, Karl. 1986. *Vom Übersetzen. Theorie und Praxis*. Frankfurt a. M.: FTV.

5 Cf. Schleiermacher in Delille et al. 1986, 8.

Delille, Karl H. et al. 1986. *Problemas da Tradução Literária*. Coimbra: Livraria Almedina.

Izquierdo, Luis. (s.d.). *Conhecer Kafka e a sua obra*. Lisboa: Ulisseia.

Kafka, Franz. 1983. *Über das Schreiben*. Hrsg. von Erich Heller und Joachim Beug. Frankfurt a. M.: FTV.

Kruntorad, Paul. 1992. Der Prager Kreis. In *Konturen*. 1/1992: 43-46.

Melo, Idalina Aguiar de. (s.d.) Franz Kafka. In *Histórias com Tempo e Lugar. Prosa de Autores Austríacos (1900-1938)*. Org. de Ludwig Scheidel. Lisboa: Europa-América.

Newmark, Peter. 1995. *Paragraphs on Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, Ltd.